

Cassações

Nas atuais circunstâncias, devo votar pela cassação dos 17 parlamentares. E defendo o voto aberto, embora a Constituição determine o voto fechado.

Poderes

A comissão pode inocentar, suspender mandatos, propor cassações. Temos todas as opções da CPI. Vou ter que fazer o que a CPI não fez. E não tem nada mais difícil do que completar um trabalho alheio, ainda mais de colegas deputados. É desagradável. Até hoje não entendi por que a CPI enviou para a Câmara um trabalho inconcluso. Foi um ponto fraco, uma falha muito grande.

Pressões

A mais forte é a da consciência. O mais difícil é você não se deixar levar pela opinião pública. Existe

uma frustração muito grande com o processo que está aí, com a falta de seriedade. Mas isso não pode reger o nosso comportamento.

Relatórios

O relatório final está muito aquém do trabalho da CPI. O problema é que o relator não refletiu realmente o que se passou. O relatório da Subcomissão de Patrimônio é muito mais amplo, muito mais profundo do que o relatório da CPI. Mesmo assim a CPI foi um passo histórico extraordinário. Eu estou muito otimista com seus resultados. Pouca gente entendeu a atuação do Bisol. Ele tem outra formação política, virou político por acaso, faz política com indignação, movido pela sua cultura jurídica e pela formação de juiz, bem diferente da nossa.

Erros

Três pessoas que eram inocentes

surgiram, no relatório final da CPI, como culpadas. É o primeiro caso de um inocente ser considerado culpado, tendo elementos para inocentar. Os responsáveis por esses erros foram as lideranças, que não atentaram para o fato de que 72 horas a mais eram fundamentais para não macular um trabalho de 90 dias. Errou o presidente, quando não aumentou o prazo. Errou o relator, porque não poderia mandar um relatório com 12 deputados sem conclusão. Nós não sabemos o que houve. A versão que se tem é de que foi falta de tempo, erros da gráfica, atraso nos pareceres das subcomissões. Isso só explica, não justifica o fato inédito: uma CPI sem conclusão. Eu vou tentar corrigir para evitar que essa mácula permaneça.

Machismo

Atribuíram-me uma frase que eu não falei (que o relator Roberto Magalhães teria que ser muito macho para cassar seu conterrâneo e correligionário Ricardo Fiúza). Jamais afirmaria isso. Como parecia comigo, ficou sendo minha. Mas no mesmo dia liguei para Fiúza e Magalhães para contestar. O relator usou a frase um mês depois como um reforço para julgar-se suspeito. É uma questão de ética. Se eu tivesse a dúvida que o relator tinha, me consideraria suspeito desde a primeira hora. Isso não é concurso de machismo, e sim de documentos, de provas, é um problema político. Hoje é preciso ter mais coragem para inocentar do que para punir. Se você cassar, todo mundo vai aplaudir. O ideal é que deputados fossem cassados pelo povo.

O PAPEL DE PUNIR

Advogado

Toda a investigação de um par é muito difícil. É a primeira experiência no mundo parlamentar internacional. Não conheço nenhum caso semelhante. Para nós que fizemos a resistência democrática, esse negócio de cassação dói muito. Eu nunca tive tendência para promotor. Na minha vida profissional sempre fui advogado de defesa. Agora, a Câmara vai levar muito tempo para se refazer do choque. Aquele ambiente, com o indiciado naquela cadeira, é uma imagem muito forte. O processo, embora necessário, foi inquisitorial.

Novos tempos

Não me sinto hoje o deputado que era há um ano, muito menos o de dez anos atrás. Estou fazendo um esforço enorme para acompanhar o processo. Não só eu, mas muita gente. Por exemplo, ninguém imaginava que o presidente da Câmara, Inocêncio Oliveira, quando eleito, tivesse o comportamento que está tendo agora na busca de um movimento transparente. De tal ordem que a nossa divergência, na primeira hora da instalação da comissão, era porque ele queria muito mais. Queria outra CPI, no afã de apurar e de investigar. Ao mesmo tempo, a gente percebe graduações de comportamento entre os envolvidos pela CPI. Uns que, tenho certeza, estão envergonhados, fazendo uma auto-crítica profunda. Outros têm um comportamento distante, como se nada tivesse acontecido. E os que nos confundem e nos fazem perguntar: "Será que ele é culpado ou não?"

Sigilo

Defendo que todos os políticos, ao assumirem os mandatos, tenham suas contas permanentemente abertas. E vou mais longe: o Bisol levantou a ideia das contribuições transparentes nas eleições, com prestação de contas semanais pela televisão, para que o povo acompanhe — quanto recebeu, quem deu e como foi gasto. Pra evitar que, ao final da campanha, não apareça aquilo que hoje é a maior justificativa de corrupção, que é a sobra de campanha.